



# OS RIDÍCULOS

Nº 236 - 8-5-75

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 7\$50

**A PROPAGANDA ACABOU...  
VAMOS A FACTOS  
P'RA CAMA JÁ!**



FERRAZ

# OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

A gente lê cada uma que até parecem duas! Você lembra-se do general Amin, aquele que é presidente do Uganda, e tem dado vários motivos de anedotas a todo o mundo e a nós também, que não resistimos a contá-las. E se calhar é isso mesmo que ele quer, mas paciência! A última dele foi a declaração que considerava Hitler um grande homem, e que tinha muito gosto em erguer-lhe um monumento dum local qualquer em que as tropas inglesas e alemãs tivessem combatido na II Guerra Mundial.

Fez um grande discurso a esse respeito e declarou que tinha ficado muito desapontado por não ter visto, quando recentemente visitou a Alemanha, nenhum monumento em Berlim em honra do senhor Hitler.

Que grande ponto!

Os financeiros americanos estão um bocadinho preocupados e ao que parece com justa razão. Dizem eles (e agora foi o economista-chefe e vice-presidente dum dos mais importantes bancos americanos) que os Estados Unidos correm o risco de sofrer dentro de dois anos uma violenta explosão inflacionista que poderá desencadear uma nova recessão e pôr em perigo a livre empresa.

O senhor Robertson salientou que a nova vaga de desemprego nos Estados Unidos poderá ser responsável por essa crise, e acrescentou que o governo americano tem demonstrado uma "incapacidade crônica" em resolver os problemas económicos, e que nunca será possível estabilizar verdadeiramente o crescimento enquanto os gastos governamentais não forem controlados.

Claro! Com a mania de governarem as casas dos outros, acabam por ficar com a deles de pernas ao ar...

Que isto do desemprego não é um espantalho que sirva

para demonstrar que a culpa é disto e mais daquilo, como muita gente costuma fazer.

Veio agora o relatório do Euromercado a dizer que nos nove países do Euromercado havia em Março passado qual-

quer coisa como quatro milhões trezentos e quarenta mil desempregados.

Parece que à cabeça do rol vex a Dinamarca com 12,2 por cento de desempregados em relação à sua população

activa. Depois segue-se a Irlanda, com 8,4 por cento, a Irlanda do Norte com 6,7 por cento; e depois a Bélgica, a Itália, a Holanda, a Alemanha Federal e a Inglaterra, esta com 3,4 por cento.

Bom. Há muito desemprego. Mas não haverá ali misturada muita gente que não trabalhe porque não lhe apetece? Talvez seja a altura de perguntar isso aos senhores das estatísticas...



MAS EU <sup>ooo</sup> SÓ QUERIA IR VOTAR



**Q**

Quando encontrei o meu velho amigo e companheiro dos bancos da escola Aristóteles Marinho, fiquei de boca aberta. O Aristóteles — bem me lembrava dele! sempre tinha vivido bem: desde os oportunistos negócios que já fazia na escola, a trocar berlindes por aparos, e dois lípis vulgares por um lípis de cor, até sempre tinha sido um homem destinado a vencer na vida.

Mas mesmo assim nunca pensei que tivesse ido tão longe. Vocês podem imaginar quando o encontrei tinha eu

corrido quatro tabernas e oito leitarias à procura da minha marca favorita de cigarros e por fim, vendo gordos os meus esforços, decidi-me a entrar arrojadamente num dos mais luxuosos restaurantes a ver se ao menos ali os encontrava.

Em vez disso encontrei o Aristóteles que me fez uma festa.

— Oh homem, há quantos anos? Tu estás famoso?

Claro que eu não estava nada famoso. O seu fatiinho de todos os dias andava bem precisado dumás férias prolongadas e eu também. Formaste o facto de ser professor, e praticamente ter férias todo o ano, não me impedia de ter que comer também todo o

ano, a... bom. Vocês sabem como é.

Mas o Aristóteles, talvez por saudosismo, talvez por me considerar no seu ambiente social, por me encontrar dentro daquele restaurante, não quis descer a pormenores:

— Santato, e toma qualquer coisa. "homem! Temos muito que conversar!"

— Acedi. De resto ele até tinha em cima da mesa uma caixa de cigarrilhas que podia muito bem substituir os meus cigarros.

— Olha lá, tu sempre te formaste?

— É verdade...  
— Pois ainda bem que te encontro. Sou capaz de precisar de ti.

negócio. A maior parte dela vinha da Covilhã. Era só sujá-la um bocadinho e cozer-lhe as etiquetas e... Mas isto agora é outra coisa. Sábex que eu preciso de ti, porque como tu gostas de ensinar...  
— É a minha vida...  
— Pois. Mas em vez de ensináres essas coisas parvas de História, Geografia e coisas parecidas, tu vais ficar como director do ciclo do meu instituto Superior...  
— Essa agora! Mas o que é que tu ensinas nesse teu... instituto?

— O homem tu vives num planeta. Tu já viste as potencialidades que a hora presente tem para pessoas como iniciativa? Tu já viste que a sociedade burguesa acabou?



# O CURSO

— Tu? Precisares de mim? Para quê?

— Oh homem, para ganháres dinheiro! Para que é que havis de ser?

— Bom, tu sabes, eu trabalho...  
— Ora trabalhas! Mas isso tem alguma coisa que ver com ganhar dinheiro? Eu sempre gostei de ti. Sempre fostes estudioso e gostavas de ensinar.

Pois agora...  
— Agora sou professor...  
— Ora, oral Professor! Nessas coisas que não dão nada! Tens que vir trabalhar comigo.

— Mas o que é que tu fazes?

— O quê? Tu não sabes?

— Eu não! A última vez que nos vimos, já lá vão muitos anos, tu importavas roupa usada da América...  
— Ele sorriu com a reminiscência.

— E olha que foi um bom

Tu já viste que hoje o que é preciso é enveredar por novos caminhos? Pelos caminhos do futuro?

— Sim, mas...  
— Qual mas, nem meio mas! Eu assim que vi o caminho que as coisas estavam a tomar, tomei logo as minhas medidas! E fundei imediatamente o meu instituto, preparado para o que desse e viesse: e agora veio?

— Veio o quê?

— Veio a grande oportunidade! Tu já viste que um dos maiores flagelos do mundo de hoje é o desemprego?

— Sim, mas o que...  
— O que, nada! Se há desemprego, é porque há pessoas que faziam certas coisas, e hoje não têm tempo lhes de trabalho nos ofícios que tinham. Não será assim?

— Pois é...  
— Portanto o desemprego é apenas uma desadaptação

do indivíduo à sociedade. Toma um pedreiro:

— Muito obrigado, não preciso...  
— Mas toma. Um pedreiro é um homem que sabe fazer casas, quando tiver um mestre d'obras e dizer-lhe para fazer massa de cimento e colocar tijolos.

— E então?

— Então tu não sabes que os mestres d'obras estão a desaparecer? Portanto os pedreiros, por muito bem que saibam fazer massa e colocar tijolos, estão lixados. Ficam desempregados...  
— De certo modo...  
— De qualquer modo. Toma um guarda-livros.

— Também não preciso. Com o que eu ganho...

nas novas profissões como em caramelos vaquinha.

— Mas diz lá o que é que tu lhes ofereces...  
— Primeiro que tudo uma coisa nova, que agrada a toda a gente: Escolha a sua nova profissão, e neste instituto as profissões não precisam de patrões!

— Isso é um bom slogan... mas o que é que eles aprendem?

— Ora, isso nunca mais tem fim! Eu já tenho mais de uma dúzia de cursos a funcionar, estão lixados. Ficam desempregados...  
— Diz lá!

— Curso Elementar de Cravango. Ensino a "cravar" diplomaticamente os amigos e conhecidos até um limite de cinquenta paus. Para este cur-

so, que no meu estabelecimento se pode tirar em dois meses, não é preciso mais do que a instrução primária, e um fatiinho passado a ferro-londry que o meu amigo Aristóteles Marinho me oferecera. Depois levante-me para sair, e lá despedida disse-lhe:

— Olha lá o Aristóteles: tens que dizer ao teu professor do curso elementar de Cravango que afinal ele perdeu a aposta.

— Qual aposta?

— É que ele tinha apostado comigo que eu era tão mau que se calhar nem vinte paus conseguia cravar a ninguém. E eu disse-lhe que te havia de sacar a ti cinco contos... Aquele curso é na verdade um achado. Chau!

— Perfeitíssimo.

— Meti o dinheiro na algebeira, peguei em mais uma cigarrilha e acabei de beber o brandy que o meu amigo Aristóteles Marinho me oferecera. Depois levante-me para sair, e lá despedida disse-lhe:

— Olha lá o Aristóteles: tens que dizer ao teu professor do curso elementar de Cravango que afinal ele perdeu a aposta.

— Qual aposta?

— É que ele tinha apostado comigo que eu era tão mau que se calhar nem vinte paus conseguia cravar a ninguém. E eu disse-lhe que te havia de sacar a ti cinco contos... Aquele curso é na verdade um achado. Chau!

— Perfeitíssimo.

— Meti o dinheiro na algebeira, peguei em mais uma cigarrilha e acabei de beber o brandy que o meu amigo Aristóteles Marinho me oferecera. Depois levante-me para sair, e lá despedida disse-lhe:

— Olha lá o Aristóteles: tens que dizer ao teu professor do curso elementar de Cravango que afinal ele perdeu a aposta.

— Qual aposta?

— É que ele tinha apostado comigo que eu era tão mau que se calhar nem vinte paus conseguia cravar a ninguém. E eu disse-lhe que te havia de sacar a ti cinco contos... Aquele curso é na verdade um achado. Chau!

— Perfeitíssimo.

— Meti o dinheiro na algebeira, peguei em mais uma cigarrilha e acabei de beber o brandy que o meu amigo Aristóteles Marinho me oferecera. Depois levante-me para sair, e lá despedida disse-lhe:

— Olha lá o Aristóteles: tens que dizer ao teu professor do curso elementar de Cravango que afinal ele perdeu a aposta.

— Qual aposta?

— É que ele tinha apostado comigo que eu era tão mau que se calhar nem vinte paus conseguia cravar a ninguém. E eu disse-lhe que te havia de sacar a ti cinco contos... Aquele curso é na verdade um achado. Chau!

— Perfeitíssimo.

— Meti o dinheiro na algebeira, peguei em mais uma cigarrilha e acabei de beber o brandy que o meu amigo Aristóteles Marinho me oferecera. Depois levante-me para sair, e lá despedida disse-lhe:

— Olha lá o Aristóteles: tens que dizer ao teu professor do curso elementar de Cravango que afinal ele perdeu a aposta.

— Qual aposta?

— É que ele tinha apostado comigo que eu era tão mau que se calhar nem vinte paus conseguia cravar a ninguém. E eu disse-lhe que te havia de sacar a ti cinco contos... Aquele curso é na verdade um achado. Chau!

— Perfeitíssimo.

— Meti o dinheiro na algebeira, peguei em mais uma cigarrilha e acabei de beber o brandy que o meu amigo Aristóteles Marinho me oferecera. Depois levante-me para sair, e lá despedida disse-lhe:

— Olha lá o Aristóteles: tens que dizer ao teu professor do curso elementar de Cravango que afinal ele perdeu a aposta.

— Qual aposta?

— É que ele tinha apostado comigo que eu era tão mau que se calhar nem vinte paus conseguia cravar a ninguém. E eu disse-lhe que te havia de sacar a ti cinco contos... Aquele curso é na verdade um achado. Chau!

— Perfeitíssimo.

— Meti o dinheiro na algebeira, peguei em mais uma cigarrilha e acabei de beber o brandy que o meu amigo Aristóteles Marinho me oferecera. Depois levante-me para sair, e lá despedida disse-lhe:

— Olha lá o Aristóteles: tens que dizer ao teu professor do curso elementar de Cravango que afinal ele perdeu a aposta.

— Qual aposta?

# DAS NOVAS PROFISSÕES

— Pois é. Os guarda-livros são precisos para lançar nos livros equilibradamente receitas e despesas. Ora hoje em dia eles só têm despesas para lançar, e por isso os patrões piraram-se com as receitas que puderam e o guarda-livros ficou a guardar o livro de apontamentos. Mais um desempregado...  
— Eh pá, tu és pessimista!

— Não sou nada. O que eu quero provar é que as velhas profissões estão em perigo. Por isso aquilo que as pessoas precisam hoje é de novas profissões. Profissões em que não haja possibilidade de desemprego. Por isso fundei o meu instituto...  
— E o que é que tu ensinas no teu instituto? O que é que queres que eu vá para lá ensinar?

— Qualquer coisa! O que interessa é interessar a malta. E a malta interessada, pega

so, que no meu estabelecimento se pode tirar em dois meses, não é preciso mais do que a instrução primária, e um fatiinho passado a ferro-londry que o meu amigo Aristóteles Marinho me oferecera. Depois levante-me para sair, e lá despedida disse-lhe:

— Olha lá o Aristóteles: tens que dizer ao teu professor do curso elementar de Cravango que afinal ele perdeu a aposta.

— Qual aposta?

— É que ele tinha apostado comigo que eu era tão mau que se calhar nem vinte paus conseguia cravar a ninguém. E eu disse-lhe que te havia de sacar a ti cinco contos... Aquele curso é na verdade um achado. Chau!

— Perfeitíssimo.

— Meti o dinheiro na algebeira, peguei em mais uma cigarrilha e acabei de beber o brandy que o meu amigo Aristóteles Marinho me oferecera. Depois levante-me para sair, e lá despedida disse-lhe:

— Olha lá o Aristóteles: tens que dizer ao teu professor do curso elementar de Cravango que afinal ele perdeu a aposta.

— Qual aposta?

— É que ele tinha apostado comigo que eu era tão mau que se calhar nem vinte paus conseguia cravar a ninguém. E eu disse-lhe que te havia de sacar a ti cinco contos... Aquele curso é na verdade um achado. Chau!

— Perfeitíssimo.

— Meti o dinheiro na algebeira, peguei em mais uma cigarrilha e acabei de beber o brandy que o meu amigo Aristóteles Marinho me oferecera. Depois levante-me para sair, e lá despedida disse-lhe:

— Olha lá o Aristóteles: tens que dizer ao teu professor do curso elementar de Cravango que afinal ele perdeu a aposta.



# Crônicas medievais



- D. PAIO  
— Senhora, senhora minha! Haveis acaso visto el-rei?  
D. BRIOLANJA  
— Que afobado vindes, senhor D. Paio! Para que quereides vós el-rei?  
D. PAIO  
— Novas hei de grande monta! Sabereides onde ele se terá metido?  
D. BRIOLANJA  
— Pois se novas haveides, prestes m'as deveides dizer. Bem sabeides que como esposa de el-rei me compete saber de tudo o que lhe diz respeito...  
D. PAIO  
— Mas isto não lhe diz respeito...  
D. BRIOLANJA  
— Não lhe diz respeito? Então para que o buscaides?  
D. PAIO  
— Porque lhe diz falta de respeito...  
D. BRIOLANJA  
— É o mesmo! Vamos: dizeide-me o que havei-des sabido!

## AS TENÇAS MÍNIMAS

- D. PAIO  
— Não sei se devo...  
EL-REI  
— Pois soides mais feliz que eu, senhor D. Paio. Vós não sabeides se deveis, e eu sei muito bem que já devo p'ra cima dum dinheirão ao comendador...  
D. PAIO  
— Ah, magestade! Estaveis aí...  
EL-REI  
— Estava e estou. Por certo não pensaiades que ando por aí aos saltos como os gafanhotos...  
D. BRIOLANJA  
— Na verdade, gafanhoto foi coisa que nunca ouvi que vos chamassem...  
EL-REI  
— E muito seria de estranhar que ouvisseis! Bem sabeides a alta estima e amor em que eu sempre fui tido pelo meu amado povo...  
D. PAIO  
— Pois senhor, novas hei que é mister que pronto sabaiades!  
EL-REI  
— E porque as não dizeides?  
D. PAIO  
— Senhor, com todo o alto respeito que hei por vossa augusta esposa...  
D. BRIOLANJA  
— Já vos hei dito, senhor D. Paio, que me não apraz que me chameides augusta. Lembra-me uma serva que hei tido e que não me foi fiel...  
D. PAIO  
— Fidelidade! Rara virtude é essa! E na vossa corte, tirando eu..

# ANTOLOGIA

## ALMEIDA GARRETT

### O "X" OU A INCOGNITA

(POEMA SATÍRICO)

CANTO O X, E O VARÃO QUE ANDOU TRÁS ELE  
SEM ACHAR-LHE O VALOR, TÃO LONGO ESPAÇO,  
TÉ QUE, BORRADO O CALCULO FAMOSO  
DE QUEBRADO EM QUEBRADO FOI CAINDO,  
TÉ NA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO MIRRAR-SE.  
EM BALDE O VALOR TODO DO ALGARISMO,  
QUANDO VAI DESDE O ZERO AO INFINITO,  
SABIAMENTE EMPENHOU; TRAVESSOS NUMES  
NOS PENETRAIS GEOMÉTRICOS LHE DEIXAM  
ETERNAMENTE A INCOGNITA ESCONDIDA.

Ô MAGRA MUSA QUE NÃO ÉS DAS NOVE,  
NEM DO FÚTIL PERMESSO À MARGEM VIVES,  
MAS COROADA DE ETERNAIS TRIÂNGULOS  
NO SETE-ESTRELO TACITURNA IMPERAS:  
VEM POR UM POUÇO À ARÁBICA LINGUAGEM  
ENSINAR-ME A RONCAR, VEM RESOLVER-ME  
O NÃO SABIDO, MÁGICO PROBLEMA  
DO MEU GEBÁ IMORTAL, A QUEM AGORA  
DBOILEAU E DINIS CONSAGRO A LIRA.

DA VERDADE FUGINDO À LUZ QUE O CEGA  
DA LIBERDADE AO GRITO ESPAVORIDO,  
IA CORTANDO OS MARES DE NEPTUNO  
O MAGRO FANFARRÃO, O HEROI GARCKLESTO,  
LEVANDO AOS SECOS, ACURVADOS OMBROS,

NOVO HIPÓCRITA ENEIAS, AS RELÍQUIAS  
DA TRÓIA CORCUNDAL JÁ FEITA EM CACOS.  
N'ALMA PERVERSA REVOLVENDO ENGANOS,  
ASTÚCIAS, TRANPOLINAS, QUIXOTADAS  
COM QUE ALGÉBRICAMENTE OS TRISTES POVOS  
HÃ-DE ATURDIR DOS MISÉROS AÇORES.  
FARTO DE CIFRAS, DE ALGARISMOS, SENOS,  
DECASSENOS, DE CÚBICAS RAÍZES,  
MAS SEM VINTÉM NA BOLSA ENCARQUILHADA,  
VAI CALCULANDO O MODO DE ENGORDÁ-LA;  
E RESTAURANDO O IMPÉRIO DOS CORCUNDAS  
ENTRE OS POBRES ILHÉUS, SIMPLICE GENTE,  
PIMPFA DE GRÃO SENHOR, FAZER DE LORDE,  
E O X ACHAR ENFIM QUE TANTO BUSCA.  
QUAL TRICAUDAL BAXÁ DE ALTO BIGODE  
IA DA ESTUPIDÍSSIMA BIZÂNCIO  
(AONDE AS CARAS SE NÃO VEEM ÀS MOÇAS,  
NEM DO PADRE LIEU VICEJA O RAMO  
NA GALHOFEIRA TASCAS PENDURADO)  
PARA O BOÇAL PAÍS DOS HIEROGLÍFICOS  
NO ÁRABE INFELIZ FAZER FAXINA,  
ENQUANTO NÃO APROUVE AOS MAMEMLUCOS  
DE MANDAR À TÁBUA O PAI DOS CRENTES,  
TAL IA O NOSSO HERÓI. . . . .

# HUMORISTAS



A verdade é que esta coisa da Reforma Agrária já devia ter sido feita há muito tempo. Eu bem sei que há muitas coisas que lá deviam ter sido feitas há muito tempo, mas toda a gente sabe que "intigamente" ninguém fazia nada senão um desfalecimento aqui e outro acolá, e a respeito de reformas só havia os reformados a lamentar-se que as pensões não chegavam para comprar o jornal e a procura de empregos para reformados.

Mas, na agricultura o caso era pior. Toda a gente sabe que todos os anos eram maus p'ra ingrícula.

Uns anos porque chovia muito outros porque havia muito sol, e nunca ninguém desses gajos que mandavam foi capaz de arranjar um clima capaz, do tipo autoclima, que se puxasse a chuva quando fosse preciso.

— Mas isso toda a gente sabe! Agora é que se estão a estudar as coisas...

— Isso, virgula! Cá eu sempre fui p'ra ingrícula. Eu vi logo que as coisas não iam bem quando as hortaliças começaram a subir de preço, ainda eu andava no liceu. E decidi logo fazer a minha reforma agrária...

— A tua reforma agrária? Mas então tu tinhas lá algumas terras? Eu nunca soubei...

— É parvo. Primeiro que tudo uma boa e completa reforma agrária está tramada se estiver a contar só com a terra. Tu bem sabes que a terra é uma coisa que tende a acabar...

— O que é que me dizes?

— A pura verdade. A esse respeito fala comigo, mas está calado que é para aprenderes. Nas cidades, sabes muito bem que mal se pode semear qualquer coisa. Ainda há por aí

umas territas com couves, ali por os lados do Lumiar de Benfica, mas já vai sendo raro. O resto são ruelas e prédios e ruas e nos intermédios das terras todas fazem urbanizações que é uma coisa porreira para os nabos, mas não os nabos da sopa: são raiolos...

— Sim, lá isso...

— Isso, pois. Por isso eu decidi já há muito tempo fazer a minha reforma agrária, como estava a dizer...

— Ah sim? E o que é que foi que tu reformaste?

— Olha primeiro que do reformei a mulher da batata onde a patroa comprava as couves e os nabos, e que me estofava indecentemente...

— Mas então... deite de comer produtos agrícolas? Então tu não sabes que tem falta as vitaminas e essências todas da hortaliça e das batatas?

— Ah, ah! Mas é que eu tenho disso tudo com farral. Tu não te esqueças que estás a falar com um brilhante reformador de todas as formas agrárias do mundo! De auto-suficiência! Do selvático do nabo e dos brócolis! Do faça-você-mesmo da cive lombarda, da automatização dos tomates!

— Chica! É pá mas como é que isso é possível? Tu és aqui em Lisboa, na tua terra, fora um outro buraco na rua não há terra que se veja, e moras num terceiro andar e não tens quintal...

— Pois sim. Não táho quintal, mas tenho cabas, e não é de nabos! Tu não te esqueças que nos livros que falam das viagens espaciais do futuro, os astronautas também vão dentro dum chato de ferro, e conseguem faz lá as suas culturas!

— Mas então...

— Então uma gaita! O que é preciso é imaginá-lo e saber! É isso a mim nunca me faltou! Logo que eu percebi que o grande problema cá da terrinha era o da ingrícula, tomei as minhas resoluções!

— Olha, pá, eu gostava de saber como é que tu fizeste isso! Cá por mim vejo-me afilado para poder comer um caldo verde, porque a patroa diz que as couves que antigamente eram para os porcos estão a dar paus cada uma. E as cebolas já se vendem a cinco c'ross cada uma. Isto p'ra não falar no preço dos tomates!

— Tá visto! Mas disso tu eu livre. Como te disse eu estou auto-abastecido...

— É pá, tens que ser complicado e de dizer como é que conseguiste isso!

— Vá lá. Como tu és um gajo porreiro ou vou-te dizer. Lá em minha casa, tu sabes que a patroa tinha a mania de ter uns vazinhos na janela com malmagueiros e sardineiras...

— Pois, eu lembro-me! Era bem giro!

— Pois aí foi o primeiro stito. Dos cinco vasos da varanda da cozinha saíram as sardineiras e entraram nabos. Lá razão de quatro por vaso, fiquei logo com vinte cabeças de nabo magistrais...

— Sim? E depois?

— Depois foi na varanda do sala. Ali meti uns caracóis de madeira com um malmagueiros lá volta, e no meio pus couves lombardas e cebolas...

— Pois é. Por isso eu olhei, olhei, e vi que a casa tinha uma dispensa ao lado da casa do banho. E como eu não tinha pasta para ter uma dispensa cheia de morfos, decidi aproveitar o espaço, levei para

lá umas sacas de terra, e se meei batatas!

— Batatas? Sem abubo nem nada? — Qual sem abubo? Então eu não te disse que a dispensa ficava ao pé da casa de banho? Resolvi o assunto fazendo uma ligação directa da retrete para a dispensa e aquilo é um vé tu te avistás! É cada batata que até dá gosto...

— É pá mas isso deve cheirar mal...

— Não cheira nada! O que tá d'igo é que tenho a cozinha bem aproveitada. Olha, na casa de banho tinha lá ao lado da retrete um bidé que nunca servia. Enchi-o de terra, e meti-lhe os tomates dentro.

— É costume...

— Pois é. E agora estou a pensar em aproveitar o divã do sala, aquele onde a minha sogra costumava ficar quando cá vinha, e com um bocado de estercão — o divã já nem estranha — meto-lhe umas aboboras dentro que ele também não estranha!

— O que foi?

— Foi o mês passado. Anquei quase quinze dias à rasca e da minha reforma agrária...

— Pouca coisa. Tinha lagartas nos tomates...

— Olha, aqui há dias quando me sentei no sofá da sala senti uma coisa a picar-me o cu, fui a ver e era um escaragato velho da batata. Outro dia, a minha Zeferina apareceu cheia de comichões por debaixo do soutien foi a ver e estava cheio de piolho da couve.

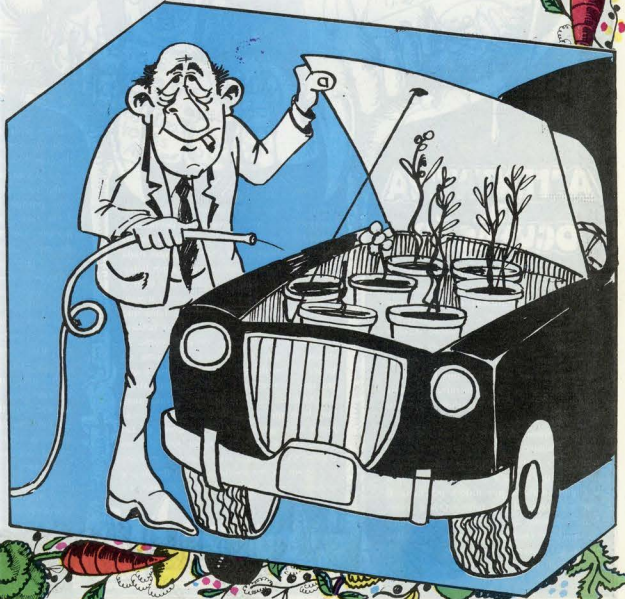
— Mas o pior...

— O que foi?

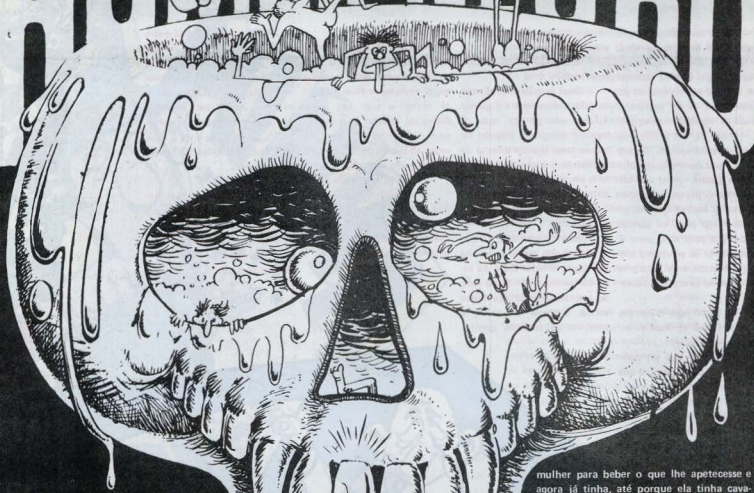
— Foi o mês passado. Anquei quase quinze dias à rasca e da minha reforma agrária...

— Pouca coisa. Tinha lagartas nos tomates...

— Chatices? Porquê?



# UMOR NEGRO



## A TENTATIVA DE OCUPAÇÃO

O dia tinha sido duro e trabalho no quartel. Não que houvesse quaisquer zaragatas ou sarrafuscas de maior, que obrigassem o pessoal a intervenções em força: não senhor. Podia mesmo dizer-se que tudo corria numa calmaria de paz padre, de mais a mais se a malta se começasse a lembrar da actividade que tinha havido durante a guerra, onde nunca se sabia o que é que ia acontecer dum momento para o outro.

De qualquer forma o que era preciso era assegurar o serviço da ordem, e isso obrigava a constantes intervenções aqui e além, porque toda a gente se acostumara a chamar a malta por tudo e por nada. E isso era até sinal que tudo estava a correr bem: era sinal que o Zé Pagode confiava na malta e chamava-a por dá cá aquela palha, para servir de tira-teimas.

A chateice era que a maior parte das vezes quando lá chegavam, prontos a in-

tervir e a meter na ordem quaisquer prevaricadores que estivessem deliberadamente a chatear quem queri era tratar da sua vida, chegavam à conclusão que nada de jeito se tinha passado: ou era um bêbado que tinha começado a refilar com o taberneiro porque ele se recusava a vender-lhe mais um copo porque achava que ele já tinha bebido demais, e o bêbado reclamava que era um cidadão como os outros e que tinha todo o direito de beber o que lhe desse na real gana, e que era um homem livre e não admitia atitudes fascistas de um taberneiro qualquer, mas logo que a malta lá chegava em resposta ao urgente pedido do dono da taberna, já o bêbado estava sentado no degrau da taberna a chorar as suas mágoas e a dizer se estava bêbado era de alegria porque nunca tinha tido liberdade da



mulher para beber o que lhe apetecesse e agora já tinha, até porque ela tinha cavado com o guarda nocturno...

Agora o que tinha sido mais chato tinha sido aquele incidente nos Prazeres. Até porque os gajos tinham tido uma certa razão, era preciso reconhecer. Sim porque isto de ocupações é muito difícil de dizer quem tem razão e quem não tem. Claro que as casas têm donos. Mas quando os donos não lhes ligam nenhuma, e às vezes em casas enormes há imenso espaço livre que podia ser ocupado por uns desgraçados que têm que ficar praticamente encostados uns aos outros porque não lhes dão espaço para mais...

É chato. E aquele caso dos Prazeres tinha sido um desses: era uma multidão enorme cujo alojamento era um autêntico buraco estreito e apertado e que, indignada pela maneira ostensiva em que alguns vizinhos estavam instalados em verdadeiros palacetes cobertos de mármore dos mais ricos, e tantos e tantos deles, com imensas divisões completamente vazias, e essa multidão tinha decidido proceder à ocupação de todas essas moradas luxuosas e imponentes, desprezadamente insultantes na sua riqueza inútil perante aqueles desgraçados.

Claro: tinha havido sarilho e lá

cont. na pág. 14



# ORA CONTE-NOS..



**ESTA' SATISFEITO COM O RESULTADO DAS ELEICOES**



*Capitalista*

ISTO E UM POND  
INGRATO QUE NAO  
RECONHECE OS  
ESFORÇOS DOS SEUS  
BENEFITORES AO LONGO  
DE 48 ANOS!..



*Extremista*

TEMOS SÓ UM...  
MAS É DEPUTADO...  
NÃO É DE PUTEDO!..



*Operário*

FOI PORREIRINHO  
ATE O CDS.  
DIZ QUE É  
DAS ESQUERDAS



*Camponês*

EU ESTAVA...  
MAS AGORA DIZEM  
QUE EU FUI ESTÚPIDO



*Dona de Casa*

ISSO AGORA  
VAMOS A VER...  
HEI-DE SABER ISSO  
NO MERCADO DAQUI  
A UNS TEMPINHOS!..

# O DURO DO ELP.

Claro que as grandes reportagens são o meu forte. Por mais que o sacana do meu chefe de redacção diga que eu só vivo com os pés, a verdade é que eu sei que a máfia toda que eu conheço está sempre à espera que o jornal saia para a rua para saber quem é que eu entrevistei, porque já sabem que é coisa boa.

Pois desta vez, amigos, eu excedi-me. Mesmo modesto como eu sempre fui, sou obrigado a reconhecer que esta reportagem é a minha.

Pensei que tive que ir arranjar dinheiro onde foi possível, desde os cravancos de cem paus a quatro ou cinco gajos que reconheço os meus méritos, até a ir pôr no prego o sobretudozinho, porque o tempo agora já vai melhor, mas a verdade é que lá arranji o dinheiro para o meu saltnho a Madrid.

Eu tinha cá esta esquecida. Primeiro queria dizer às pessoas que fazia reportagens internacionais, o que dá um certo tom. Depois porque tinha cá uma ideia... E deu resultado. Meti-me pelas "Puritas do Sol" e fui perguntando aqui e ali onde é que eu podia encontrar um dos dirigentes do E.L.P.

E está? Vocês não esperavam! Pois fiquem sabendo que consegui. Claro que me deu trabalho. O primeiro espanhol a quem perguntei... — Oiga lá: óste tábe decir onde puedo encontrar un Elpista? — Alpiста? Usted Oiere comprar alpiста para u pajirito? — Um qué? — Um pajirito! Plu, plul!

— Hombre não é um passiro e eu quero é uma passara! Um portugus, conspirador, contra el Gobierno! O homem olhou para mim

espavorido, olhou à volta e deu à sola. Em acelerado. Parvalliho. Continue a procurar e quando passou uma salerosa perguntei: — Oiga lá, o nhin: conheço por aqui alguém do ELP? — Help? Yech! I help you! I chepique ingles. Vát you vonte?

Antes que eu pudesse responder aquela algarviada ouvi uma voz cavernosa ao meu lado: — Nem mais uma palavra, seu doido! Eu sou Elp. Você vem juntarse a nós? — Bom, se possê... eu queira... eu acho que...

— Compreendo. Venha para aqui para a esquerda, que é para a gente não sermos observados. Você já está inscrito? — Bom eu tenho cartão do sindicato... — Ora ainda bem que já regularizaram lá essa coisa. Agora já podemos preparar o nosso plano...

— Que plano? — Homem o nosso plano revolucionário! Então para que é que a gente se organizou? O mal foi começarem a falar antes de tempo! Se eu apansasse um desses abelhu-dos jornalistas que deram à dica, cortava-o aos bocadinhos! Era mais um para a minha lista!

Tremi dos poelhos para balxo. Claro que agora não he podia dizer que era jornalista. Tinha que fingir que era também conspirador! Enchi de ar a carcassa e disse-lhe: — Tá visto! Assim é que é! Eu cá também tenho que fazer a minha lista!

— Naturalmente! Olhe que eu à minha conta tenho já oitenta e cinco! — Pois olhe que parece mais novo!

— Não são oitenta e cinco anos, seu parvalhão! São oitenta e cinco alvos a atingir! — Ah o senhor vai fazer tiro ao alvo? — Tá visto! Então o que é que você pensa? A vi não lhe diriam nenhum serviço? — Ah lá isso deram! Lá o meu chefe... — Ah, o chefe ainda lá está? Mas eu pensava que ele também vinha para cá... — Isso queria ele! Mas sabe, tem lá todo o serviço de organização... — Claro! — Tem que rever todos os originais, apontar todos os erros...

— Tá visto! O chefe é um gajo bestial! A mim logo ele me disse: Chico, tu vais pra Espanha e fazes lá a tua lista. Depois mandas dizer quando tudo estiver pronto que é para eu dar o sinal...

— Pois. Foi por isso que eu também vim pra cá! E agora vou também fazer a minha lista. Tou é um bocadão afrito porque trouxe pouca pasta, e saí calhar vou-me ver à raspai...

— O companheiro, isso não é pra nós! Dinheiro temos nós aqui à farta! Olhe, tome lá já dez mil pesetas nue cá os Elpes não podem fazer má farsa!

— Bestial! Que grande reportagem! Agarrai as notas verdinhas e perguntei: — Mas... A sua lista não está grande de mais oitenta e cinco alvos...

— Não está nada! Quer



— Tá visto! O chefe é um gajo bestial! A mim logo ele me disse: Chico, tu vais pra Espanha e fazes lá a tua lista. Depois mandas dizer quando tudo estiver pronto que é para eu dar o sinal...

— Pois. Foi por isso que eu também vim pra cá! E agora vou também fazer a minha lista. Tou é um bocadão afrito porque trouxe pouca pasta, e saí calhar vou-me ver à raspai...

— O companheiro, isso não é pra nós! Dinheiro temos nós aqui à farta! Olhe, tome lá já dez mil pesetas nue cá os Elpes não podem fazer má farsa!

— Bestial! Que grande reportagem! Agarrai as notas verdinhas e perguntei: — Mas... A sua lista não está grande de mais oitenta e cinco alvos... — Não está nada! Quer

você ver? O Chefe deu-me vinte: acho que são gajos graúdos que é preciso liquidar rapidamente. Por isso quando chegar a hora, e como são todos no mesmo sítio, e até é um sítio muito central, acho que com um bocadinho de sorte e uma ou duas raíditas os limpo a todos.

— Mas... vai assim limpar o sebo logo a vinte? — Logo! E depois vou ao resto da minha lista, que esses são assunto particular: é o meu senhorio que é a chatar há muito tempo, e p sacana do merceiro que não me quiz dar mais fiados, é a

cabra da porteira que não faz nemhê e vive melhor que eu

— Tá visto! O chefe é um gajo bestial! A mim logo ele me disse: Chico, tu vais pra Espanha e fazes lá a tua lista. Depois mandas dizer quando tudo estiver pronto que é para eu dar o sinal...

— Pois. Foi por isso que eu também vim pra cá! E agora vou também fazer a minha lista. Tou é um bocadão afrito porque trouxe pouca pasta, e saí calhar vou-me ver à raspai...

— O companheiro, isso não é pra nós! Dinheiro temos nós aqui à farta! Olhe, tome lá já dez mil pesetas nue cá os Elpes não podem fazer má farsa!

— Bestial! Que grande reportagem! Agarrai as notas verdinhas e perguntei: — Mas... A sua lista não está grande de mais oitenta e cinco alvos... — Não está nada! Quer

você ver? O Chefe deu-me vinte: acho que são gajos graúdos que é preciso liquidar rapidamente. Por isso quando chegar a hora, e como são todos no mesmo sítio, e até é um sítio muito central, acho que com um bocadinho de sorte e uma ou duas raíditas os limpo a todos.

— Mas... vai assim limpar o sebo logo a vinte? — Logo! E depois vou ao resto da minha lista, que esses são assunto particular: é o meu senhorio que é a chatar há muito tempo, e p sacana do merceiro que não me quiz dar mais fiados, é a

cabra da porteira que não faz nemhê e vive melhor que eu

— Tá visto! O chefe é um gajo bestial! A mim logo ele me disse: Chico, tu vais pra Espanha e fazes lá a tua lista. Depois mandas dizer quando tudo estiver pronto que é para eu dar o sinal...

— Pois. Foi por isso que eu também vim pra cá! E agora vou também fazer a minha lista. Tou é um bocadão afrito porque trouxe pouca pasta, e saí calhar vou-me ver à raspai...

— O companheiro, isso não é pra nós! Dinheiro temos nós aqui à farta! Olhe, tome lá já dez mil pesetas nue cá os Elpes não podem fazer má farsa!

— Bestial! Que grande reportagem! Agarrai as notas verdinhas e perguntei: — Mas... A sua lista não está grande de mais oitenta e cinco alvos... — Não está nada! Quer

você ver? O Chefe deu-me vinte: acho que são gajos graúdos que é preciso liquidar rapidamente. Por isso quando chegar a hora, e como são todos no mesmo sítio, e até é um sítio muito central, acho que com um bocadinho de sorte e uma ou duas raíditas os limpo a todos.



# AS TENÇAS MÍNIMAS

cont. da pág. 6

— Adiante, D. Paio, adiante. E não faleides em coisas tristes. Bem sabeides que há dois mezes que me seringaides os ouvidos a pedir aumento de tenças. . .

D. PAIO

— Pois já que assim o pretendeides, aqui mesmo, na presença de vossa escelsa esposa vos direi ao que venho.

EL-REI

— Dizeide, dizeide, que mais asliviado ficareides. . .

D. PAIO

— Pois sabeide, meu senhor, que por novas agora chegadas no último galião, foram no nosso antigo reino proclamados reais decretos pelos infieis que nos exilaram, para melhorar as condições de vida da grei. . .

EL-REI

— Eu já estava à espera disso! Andei eu tantos anos a ensinar o meu povo a confiar só na minha real e paternalista bondade, e esses infieis vieram agora estragar todo o meu trabalho!

— Que desaforo! Como se a grei não vivesse feliz e contente no nosso reino!

D. PAIO

— Pois dizem que não. E agora ainda foram mais longe nos seus desvarios. Fizeram chamar todo o povo, e ensinaram-lhe que eram livres todas as dinastias!

EL-REI

— Que desaforo! Então esses infieis andam a semear a discórdia entre o meu povo?

D. PAIO

— E nem vós sabeides quanto, majestade! Imaginaide que num instante se formaram logo nada menos que doze dinastias diferentes, e todas elas começam logo a aliciar a plebe para seus sequezes!

EL-REI

— Que dizeides, desgraçado? Por certo estareides enganados!

D. PAIO

— Antes o estivesse, majestade! Mas o mercador que ora chegou do nosso antigo reino novas me trouxe que por todas as ruelas e caminhos, esses desvirados chefes das novas dinastias colaram em paredes e em muros, largas pinturas proclamando a excelência das suas dinastias!

EL-REI

— Mas isso é loucura! Então assim se desafiam as batalhas das novas dinastias?

D. PAIO

— Ao que consta, majestade, por enquanto a batalha anda aos papeis! Diz-se que nas ruas da vossa capital, numerosos grupos de fândicos se encontram lado a lado nessa batalha dos papeis e das pinturas, e parece que nas suas regras de cavalaria, apenas podem responder a uma pintura colada numa parede, com outra pintura colada por cima dela.

EL-REI

— Curiosos costumes os desses infieis! E como irá acabar essa cruenta batalha?

D. PAIO

— Graves coisas já estão sucedendo, majestade. Estareides vós recordado daquelas estreitas vielas da vossa pombalina baixa?

EL-REI

— Por certo que estou! Que se passou lá? Muitos mortos houve?

D. PAIO

— Não que eu saiba, majestade. mas consta-me que essas vielas deixaram de servir, porque com tantos cartazes e pinturas colados nas paredes dum lado e do outro, as vielas foram estreitando, ou talvez seja melhor dizendo que as paredes foram alargando com tantos papeis colados, que quando este mercador quis descer uma dessas vielas, já teve que passar de lado, para não bater nas paredes, quero dizer nos cartazes colados nas paredes. . .

EL-REI

— Talvez o vosso mercador tivesse a cabeça larga. . .

D. PAIO

— Talvez. Mas parece que mais larga era a barriga, e acabou por ter que voltar para traz. . .

EL-REI

— E onde irá acabar essa guerra dos papeis? Que dinastia vencerá?

D. PAIO

— Ninguém o sabe, majestade. Parece que é ideia dos infieis que ao fim dum certo tempo,

# A TENTATIVA DE OCUPAÇÃO

cont. da pág. 10

Claro: tinha havido sarilho e lá tinham chamado a malta para resolver o assunto.

Quando lá tinham chegado, curiosamente havia um silêncio de morte. A malta saiu do jeep e tentou descobrir onde estavam os cabeçhas do movimento. E na realidade só a vista daqueles desgraçados metia medo. Gente que praticamente não comia há umror de tempo, verdadeiros esqueletos, cobertos simplesmente de farrapos. Ali estavam em completo silêncio. Num verdadeiro silêncio sepulcral.

As moradias em questão tinham já algumas portas forçadas, o que mostrava a fúria mortal dos ocupantes, se se reparasse que quase todas tinham fortes e ornamentados portões de ferro.

O gajo que estava a comandar a malta não teve outro remédio senão dirigir-se aos esfarrapados ocupantes e admoestá-los: que aquilo não

podia ser assim, que tinham que ser consideração e respeito pelos que estavam nas suas próprias moradias, que liberdade não era tirar aos outros aquilo que era legitimamente seu. . . Enfim: o discurso do costume, a ver se as coisas se compunham.

Claro que ninguém lhe respondeu. Ali ficaram, especados e rígidos, sem lhe largar meia. E como tudo parecia já serenado o comandante deu ordem para a malta se vir embora, e limitou-se a passar pela administração do cemitério e dizer ao fiscal:

— Bom, por agora está tudo sossegado. Mas veja lá, talvez seja melhor o senhor voltar a meter aqueles cadáveres na vala comum, mas deixá-los um bocadinho mais à larga do que estavam: se os deixa ficar tão apertados como estavam, não se admire se eles tornarem a querer como agora ir ocupar os jazigos, e a gente tem que concordar que eles têm razão para estar chateados!

# OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO  
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR  
SILVA NOBRE

PRÓPRIEDADE  
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição  
R. Conde Redondo n.º 12-2.ª LISBOA  
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do  
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR  
REGIMPRESA  
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12  
REBOLEIRA — LISBOA

# PARCECE IMPOSSIVEL

Pois claro que parece impossível! E eu aviso desde já: não aparo disto. Porque eu na escola não gostava nada de aparar os lápis, já agora gostar de aparar isto! Era o que faltava! Ainda ontem estava eu muito bem sentado — sim porque eu não me sento assim de qualquer maneira, sento-me sempre bem sentado, que é por causa das almorroidas — quando bateram à por-

ta. Ora vocês sabem muito bem o meu génio: eu tenho um coração de ouro, tão bom que até já várias vezes tive que o pôr no prego, e não posso ver bater em ninguém, muito menos em portas que não se podem defender.

Claro, bateram à porta, e ela cotadinha, queixou-se, como não podia deixar de não ser, porque quem não se sente não é

filho de boa gente e a minha porta é filha dum fortíssimo carvalho que havia lá no quintal do meu pai, mas mesmo assim queixou-se. E vai eu perguntei-lhe porque é que ela estava a gemer, e a porta disse-me que lhe tinham batido.

Ora isto não está certo, até porque se eu comprei uma campainha não foi para fazer um buraquinho na porta: foi para as

peçoas carregarem no botão. Claro, eu sei que nestes tempos que vão correndo as pessoas não estão nem para carregarem no botão e isso é muito chato. Tão chato que nem vocês podem calcular. E se vocês não podem calcular, das duas uma: ou compram uma tabuada e aprendem a fazer os cálculos ou então compram uma máquina de calcular e então já podem calcular como é que aquela coisa é chata. Chata, sim senhor, plana, horizontal, direitinha.

E eu não aparo golpes

desses, e tenho muito boas razões para isso porque foi com o meu primeiro apara-lápis que eu dei o primeiro grande golpe no dedo mendinho, e é por isso que eu nunca mais gostei de aparar lápis. E como não gosto de aparar lápis ainda gosto menos de aparar outros golpes, porque de parvo não tenho nada.

Mas como ia eu dizendo, quando eu vi que tinham batido à minha porta, levantei-me com vivacidade. E eu digo vivacidade, porque vivo na cidade de Lisboa. Gosto sempre das coisas muito certinhas: se eu vivesse por exemplo em Fornos de Algodres ou em Freixo, de Espada à Cinta, levantava-me com vivaviva. E pelos mesmos motivos atrás apontados mas sem o dedo espetado, que a feio, se eu vivesse na al-

deia dos Marmelinhos ou dos Alcafares, naturalmente que teria que me levantar com vivaleidia.

Seja como for, levantei-me com vivacidade, e por coerência disse: Viva a cidade! O que nestas alturas em que toda a gente dá vivas a tudo até nem é de estranhar. Depois disso fui à porta e abri-a. Abri-a de alto a baixo, e eu cá nessas coisas não me fico em meias medidas: até porque a minha patroa não se dobra ao meio. E quem é que eu havia de ver do lado de lá?

Vocês não calculam? Pois eu digo-vos: Quem eu havia de ver do lado de lá havia de ser uma miúda bestialmente gira e disposta a vir pôr em prática aquela máxima que diz: amai-vos uns aos outros. Infelizmente isso era quem é que eu havia de ver do lado de lá. Mas não foi. Quem eu vi do lado de lá foi o vizinho do andar de cima, que trazia ao colo o seu elefantinho mais novo, a pedir-me para que eu lhe apassasse as unhas da pata esquerda porque ele não tinha jeito para isso. E é claro, como vocês calculam, eu tive de lhe dizer aquilo que já vos disse a vocês: parece impossível! Eu não a paro isso!

E podem ter a certeza que não aparei. Quem tem elefantes com unhas não atira com eles aos vizinhos. Que se lixe.

## AS TENÇAS MÍNIMAS

cont. da pág. 14

todas as gentes do vosso antigo reino, desde o clero até à nobreza e até ao povo, vão em lenta processão, com um papelinho na mão, dizer em que dinastia ficarão. . .

EL-REI

— Ó infeliz e abandona povo! Por certo que esses infieis que me expulsaram irão depois fazer uma chacina de todas as dinastias que perderem a batalha. . .

D. PAIO

— Pois o estranho é isso, majestade. As novas que lhe recebido dizem que no fim desta guerra todos continuarão amigos uns dos outros, e será como naqueles jogos da péla que seriam de gaudío à plebe dos nossos tempos, em que ora ganhavam uns e ora ganhavam outros, e no fim todos ficavam à espera de novo prélio no domingo seguinte. . .

EL-REI

— Mas que pretendem esses infieis ao dar assim tanta liberdade ao meu pobre povo? Cotadinho, ele irá por certo sentir-se muito abandonado. . .

D. PAIO

— Nem penseis nisso, majestade! Dizem que querem todos iguais e que todos terão que ganhar melhores tenças. . .

EL-REI

— Que quereides dizer com isso?

D. PAIO

— É que, majestade, sempre me tendes dito que se esses infieis fizessem coisas de justiça lhe não quereides mal, e que na vossa sabedoria os aprovarieides. . .

EL-REI

— Sim, e depois? Em que interessa isso. . .

D. PAIO

— Interessa muito, majestade. Porque uma das novas leis dos novos governantes estabelece as tenças mínimas para todos os servidores. E vos bem sabeides que eu preciso dum aumentozinho. . . É da lei. . .

Sem postições, sem peruca, sem qualquer tratamento — e contudo



Incóvel! Fantástico! Não. Com efeito, com o processo de entretimento de cabelos Eurocabe pode, em cerca de 4 horas, voltar a ter cabelos naturais como se os tivesse só na própria cabeça. Tal é o resultado graças a uma técnica perfeita desenvolvida à anteposição durante anos. Os seus próprios cabelos basta ter o produto, uma caixa de cabelo e um aparelho, e tudo é finalmente, com cabelos verdadeiros, naturalmente esvoaçantes. O cabelo é produzido no aparelho como se fosse de novo. Também de acordo com o seu desejo: poder com



o processo de entretimento de cabelos Eurocabe e através de bases europeias, europeamento mais o meu cabelo. Com o processo de entretimento de cabelos Eurocabe beneficia: não apenas a sua cabeça em 4 horas de Europeu pode sentir-se seguro e nadar, tomar banho, lavar a cabeça, dormir, andar em certos ambientes, nunca passar-lhe tudo o que mais lhe agrada. Venha já, mesmo sem entrevista marcada, ou telefonema. O caminho mais simples para um cabelo e o cabelo da Eurocabe. Rua Barata Salgueiro, 216-21 - Lisboa - Tel. 50 69 92 Rua 14 de Setembro, 331-47 - Porto - Tel. 27 871

eurocabe

Instituto para Novos Cabelos

Uma nova personalidade em quatro horas

# SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS  
FABULOSA  
GAMA DE  
APARELHAGENS  
ELECTRODOMÉS  
TICA E DE  
SOM  
ESTEREOFÓNICO  
DAS MAIS  
FABULOSAS  
E  
ACREDITADAS  
MARCAS  
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO

“EPEDA” E “DELTALOC”